



Um solo de **Thasio Igor** com direção de **Alexandre Américo**

Thasio Igor

Thasio Igor é artista potiguar e licenciado em Teatro pela UFRN (2020.1), com uma trajetória que transita entre o teatro, o audiovisual e a gestão cultural. No cinema, ganhou projeção como ator premiado no curta Time de Dois (2021), produzido pela Caboré Filmes e exibido em mais de 70 festivais nacionais e internacionais, e agora amplia sua filmografia com os lançamentos de Meu Amigo Satanás e Grande Tema, ambos produzidos pela Casa da Praia Filmes e seu primeiro longa Paradiso, previstos para 2026. No teatro, é criador do projeto de oficinas Narrativas Imaginárias (2024), voltada à valorização de histórias decoloniais e inventividades periféricas, propondo práticas de escuta e protagonismo. E acumula experiências em espetáculos como Cambalhotas (2017), A Exceção e a Regra (2018), na colaboração internacional Elvis Tiene La Culpa (2021) com direção de Javier Díaz Dalannais, e atualmente em circulação de pré-estreia do seu primeiro solo, GALO (2026), sob direção de Alexandre Américo.

Como produtor vinculado à Ardume Produções Artísticas, esteve à frente de importantes plataformas de fomento, como os festivais Cenas do Nordeste (2020/2021) e A Cena Jovem do Teatro Potiguar (2022/2024), além de viabilizar os espetáculos Azul Miró (2025), Todas As vezes que Bebês em Memória de Mim (2021), Eu e a Vizinha nº 2020 (2021), e as oficinas Aula Contaminada (2021), Contágio Criativo (2021), Iluminação Cênica Básica para o Audiovisual (2021) e A Poética da Pintura Acrílica (2021). Além da cena e da produção, atuou como mediador literário no projeto BiblioSesc pelo Sesc/RN (2023/2024), responsável por ações de mediação literária e formação de leitores em escolas da rede pública do RN. Desenvolveu metodologias autorais e sensíveis, focadas no fomento à leitura e no repertório criativo de públicos de diversas faixas etárias.

Seu percurso artístico é atravessado por uma busca por dar corpo às histórias que resistem, reverberam e reinventam o mundo, com foco nas relações entre arte, memória, cotidiano e território. Acredita na arte como ferramenta de escavação simbólica, transformação e reencantamento do real.

GALO

Sinopse

Esta obra elabora, a partir de tensões entre o monumental e o documental, uma experimentação cênica onde o corpo do ator e a referencialidade negra dos materiais ganha centralidade. Aqui, num gesto anímico e fabulatório junto às cerâmicas, o GALO é devolvido ao terreiro abrindo espaço à qualidade ancestral de nossa memória.

Resumo

A obra nasce de um mergulho criativo e investigativo sobre os símbolos coloniais de São Gonçalo do Amarante/RN e suas camadas de memória, articulando estética, política e ancestralidade. Evocando memórias da infância e do território, o espetáculo utiliza o barro e a cerâmica como metáforas centrais para moldar e reinscrever histórias, afetos e identidades, em diálogo com referências como Frantz Fanon, Antônio Bispo dos Santos e Jacques Le Goff.



APRESENTAÇÃO

GALO investiga a relação entre documento e monumento, **inspirando-se em Jacques Le Goff** para revelar como a memória oficial é moldada por poderes coloniais. O espetáculo questiona símbolos de São Gonçalo do Amarante, como o Galo Branco e o Monumento dos Mártires, expondo seus silenciamentos.

Em cena, o corpo do ator e objetos cerâmicos de referência negra tornam-se ferramentas de reinscrição da memória, num gesto que combina testemunho, ficção e fabulação. Inspirado na “contracolonização” de Nego Bispo, o trabalho desloca o olhar colonial e afirma cosmopercepções afro-diaspóricas.

Criando um espaço ritualístico, GALO convoca ancestralidades e materialidades resistentes ao apagamento. Ao articular estética, política e memória, o espetáculo desmonta narrativas coloniais e propõe novas formas de existir, lembrar e imaginar futuros.

A peça dialoga profundamente com a tradição ceramista de São Gonçalo do Amarante, transformando esse ofício ancestral em linguagem poética. O espetáculo propõe um encontro entre arte, memória e comunidade, ampliando o valor simbólico do barro como força criativa cultural.



O Galo, o Sangue, o Barro, a Jarra e o Banco

Em São Gonçalo do Amarante/RN existe uma peça de cerâmica conhecida como **O Galo Branco de Dona Neném**, que surgiu a partir de uma peça artesanal criada pelo ceramista Antônio Soares. Inicialmente possuía a função utilitária para esfriar água potável, uma espécie de "quartinha", mas foi da artesã Dona Neném a contribuição de tornar o Galo Branco uma peça decorativa e em cores, no formato atual. O Galo Branco foi escolhido como Símbolo do Folclore do Rio Grande do Norte no ano de 1996, pela Comissão Norte-rio-grandense do Folclore.

Um ano depois, em 1997, o mesmo solo de onde se extrai o barro testemunhou a **Chacina de Barreiros**. Um massacre executado por Genildo Ferreira, morador da região, que vitimou 14 pessoas em Santo Antônio dos Barreiros, bairro de São Gonçalo, após boatos que questionavam sua sexualidade. Ele teria decidido vingar-se de quem espalhava esses boatos para “defender a sua honra”.

O crime, ocorrido um ano após o Galo Branco virar símbolo oficial, transformou o barreiro em cenário de trauma. Em 1996, **o Galo virou monumento; em 1997, o barreiro virou cova**. A chacina não é apenas um fato histórico citado na obra, ela é o que "quebra" a brancura do Galo e revela o barro vermelho de sangue. No solo, então, se opera uma “depenagem” desse Galo. É retirado o adorno para reencontrar a estrutura. hasio evoca este episódio não apenas como resgate histórico, mas como uma urgência de sua própria existência dissidente. Ao moldar a terra que testemunhou o extermínio, o artista reivindica seu corpo "bicha" como o legítimo narrador de uma memória silenciada.

A jarra e o banco em cena pertenciam ao cotidiano de Das Dores (Maria das Dores do Nascimento), Manel Preá (Manoel Simplicio do Nascimento) e Lourdes (Maria de Lourdes do Nascimento), avós e tia de Thasio. O banco foi feito pelas próprias mãos do seu avô e a jarra foi encomendada pela sua avó, mas ela também fazia pequenos potes de cerâmica. Durante décadas, esses objetos habitaram o terraço da casa onde viviam, absorvendo o tempo e as histórias da família. Eles são artefatos que confluem com o corpo de Thasio e isso é, na verdade, uma escolha política.

A matéria-prima que Thasio molda em cena carrega a herança de seu avô, Manel Preá, que comandou uma olaria de telhas manuais em Uruaçu, território de vasta tradição ceramista em São Gonçalo do Amarante. O barro utilizado no espetáculo provém desse mesmo solo e é disponibilizado pela Cerâmica Barro Forte, que hoje opera em um terreno próximo onde funcionava a antiga olaria da família. O artefato aqui é um elo de biointeração, conceito central na cosmovisão quilombola de Nêgo Bispo, ele não está ali para ser usado, mas para compartilhar a existência com o artista. A jarra e o banco afirmam que o sujeito em cena tem uma história, um território e uma linhagem.

Ao dar autonomia para a jarra em cena, GALO realiza um ato de descolonização estética, transformando o palco em um arquivo vivo. Le Goff discute como a memória é construída e como um monumento é em primeiro lugar uma aparência enganadora: “É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.” afirma o historiador. Então aqui é proposto um combate à folclorização da cultura, pois se o colonizador adora o “artesanato” desde que ele esteja morto, em um museu ou numa prateleira de decoração, a jarra recusa a beleza estética para confluir com o corpo do artista. Ela carrega o suor, a água e as marcas reais de seu uso.

Como assevera Fanon em *Os Condenados da Terra*: “A cultura nacional não é o folclore onde um populismo abstrato julgou descobrir a verdade do povo. [...] A cultura nacional é o esforço coletivo de um povo para descrever, justificar e cantar a ação através da qual o povo se constituiu e se manteve.” Portanto, a jarra e o banco não são resíduos do passado, mas instrumentos da ação presente que constitui a cena.

A obra subverte o símbolo. GALO questiona a rigidez do monumento, reivindica o direito de ser galinha, de ser bicha, de ser barro que não aceita a forma do opressor.

Referências Imagéticas

Amnésia

Em *Amnésia*, Flávio Cerqueira representa uma criança negra de braços erguidos, segurando um balde de tinta branca que despeja sobre sua cabeça; a tinta escorre sobre seu corpo, contudo, não se impregna nele. A obra faz referência ao branqueamento das populações negras no Brasil.

Assim como a tinta não penetra o bronze da escultura, as penas caem sobre o artista sem camuflar sua existência dissidente.





CLICATO

Referências Imagéticas



São Sebastião

São Sebastião, capitão romano martirizado por sua fé, é retratado com uma beleza ativa que transcende a dor das flechas. Parte da comunidade LGBTQIAPN+ o adotou como ícone pela vulnerabilidade exposta e pelos relatos de seus profundos vínculos afetivos masculinos. No solo GALO, essa imagem fluiu involuntariamente na pose de Thasio sobre o banco de madeira. No lugar das flechas, penas. Aqui vemos uma confluência estética.

Diferente da confluência involuntária com a imagem de São Sebastião, o gesto de verter a jarra sobre o corpo em GALO é uma escolha estética e política deliberada, que dialoga diretamente com a obra *Amnésia*, de Flávio Cerqueira. Enquanto a postura de Sebastião surgiu como uma percepção posterior à cena



Ficha Técnica

Idealização e Performance: Thasio Igor | Direção e Coreografia: Alexandre Américo | Assistência de Direção: Pedro Vitor | Dramaturgia: Jefferson Alberto | Colaboração Dramatúrgica: Fernanda Cunha | Desenho de Luz: Cléo Morais e Flávio Torreão | Operação de Luz: Cléo Morais | Trilha Sonora: TINOC | Figurino e Cenografia: Itaciara Costa | Design: Alcino Fernandes | Colaboração Cênico-visual: Heloísa Sousa | Cenotecnia: Flávio Torreão | Co-Produção: Ardume Produções (Felipe Fagundes) e Torta Plataforma | Assistência de Produção: Santelmo Dias

Informações técnicas

Para a realização do espetáculo, buscamos preferencialmente espaços alternativos ou palcos italianos que disponham de varas cenográficas para a suspensão de tecido e iluminação. Quanto ao Rider Técnico, necessitamos de um microfone (com ou sem fio) com pedestal, além de uma extensão elétrica para uso de um secador de cabelo. Para a luz, precisaremos de dois suportes 'pé de galinha' para iluminação de chão. A máquina de fumaça é desejável, mas não obrigatória.



Vídeo do Solo na íntegra
<https://youtu.be/XR3Zqj9Yhgs>

Cenografia

Jarra de cerâmica (aprox. 78cm altura x 160cm largura)

Pequeno banco de madeira

Tecido de courino laranja (aprox. 8m x 1,80cm)

Argila (aprox. 4kg)

Lona plástica preta (aprox. 1,80cm x 60cm)

OBS.: O manuseio da argila ocorrerá exclusivamente sobre a lona plástica, assegurando assim a integridade do espaço.

Rider de iluminação

Fresneis	11
Pcs	05
Elipsoidal	02
Led Rgbw	11

Rider de som

EQUIPAMENTOS SOLICITADOS

- 1 mesa de som;
- 2 cabos P10 (para conectar mesa de som com equipamento próprio);
- 1 ponto de AC 220V para fornecer energia;
- 1 mesa, rack ou outra superfície com pelo menos 1m de largura, 60cm de profundidade e 70 a 75cm de altura, para apoio do equipamento próprio;
- 1 cadeira;
- Sistema de som stereo que inclua 2 caixas PA e 2 caixas sub.

EQUIPAMENTO PRÓPRIO

- 1 computador APPLE MACBOOK PRO com fonte de carregamento;
- 1 controladora mídi AKAI MPC40 Mk2;
- 1 interface de áudio M-Audio M-Track (com 2 saídas P10).

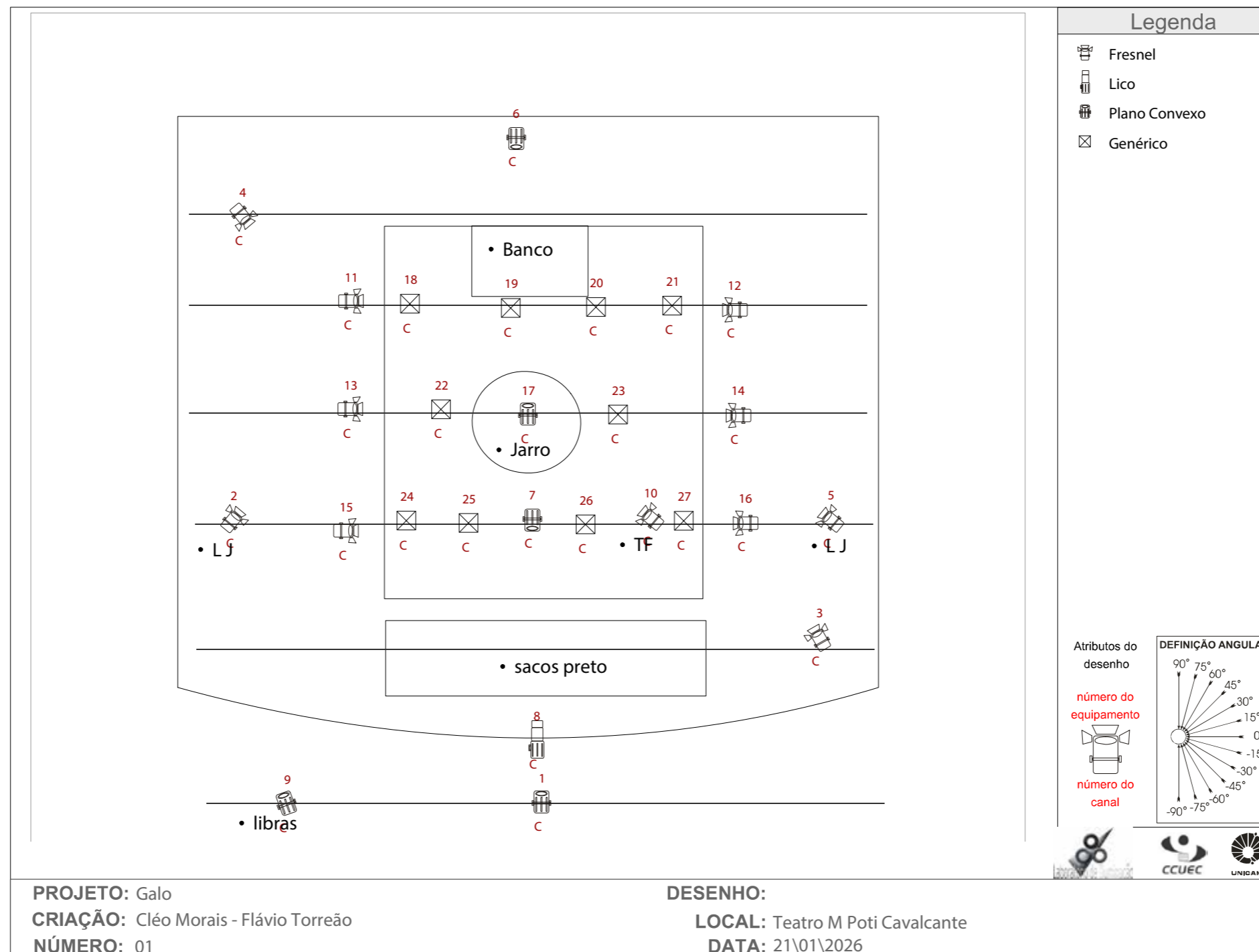
POSICIONAMENTO

Fornecer espaço para posicionar o equipamento onde há boa escuta do som.

Exemplos:

- Próximo à cabine de luz/som;
- Por trás da platéia;
- Nas frisas posicionadas logo à frente do palco;
- Etc.

Mapa de luz



“GALO é feito o tempo inteiro sob risco. Carregar esses artefatos ancestrais e preservar a sua velhice, é um risco. Destruir o Galo, um elemento simbólico e icônico da cultura da minha cidade, é um risco. Trazer à tona uma tragédia, é um risco. Mas é no risco que a gente se percebe, é no risco que a gente se envolve.”

- Thasio Igor

CONTATO

Felipe Fagundes | Produtor Executivo
E-mail: ardumeproducoes@gmail.com
Telefone (wpp): 84 99402.7993